



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELIZENNE PROCÓPIO DE SOUZA

**A LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS ANOS
INICIAIS NA ESCOLA PÚBLICA**

JOÃO PESSOA
2022

ELIZENNE PROCÓPIO DE SOUZA

**A LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS
ANOS INICIAIS NA ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho monográfico do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB – em Educação Especial, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Izaura Maria de Andrade da Silva.

JOÃO PESSOA
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S7291 Souza, Elizenne Procópio de.

A libras no processo de ensino-aprendizagem nos anos
iniciais na escola pública / Elizenne Procópio de
Souza. - João Pessoa, 2022.

53 f. : il.

Orientação: Izaura Maria de Andrade da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Libras. 2. Surdos. 3. Ensino - aprendizagem. 4.
Professor - educação especial. I. Silva, Izaura Maria
de Andrade da. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 376-056.263(043.2)

ELIZENNE PROCÓPIO DE SOUZA

**A LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS ANOS
INICIAIS NA ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 13/06/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Izaura Maria de Andrade da Silva
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Dra. Adenize Queiroz de Farias
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dra. Munique Massaro
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais, a Libras, é reconhecida como principal instrumento de comunicação e expressão do surdo pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, possui características gramaticais próprias que se diferenciam do português. Com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 foi garantida, em escolas bilíngues ou escolas regulares da rede pública de ensino, a inclusão de alunos surdos e pessoas com deficiência auditiva, professores cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, como também a presença de intérprete de Libras-Português. Esta pesquisa sobre o ensino da Libras no processo de letramento e alfabetização nos Anos Iniciais na escola pública, tem a finalidade de refletir sobre a importância da Libras no processo de alfabetização dos alunos surdos, na perspectiva da diminuição das barreiras de comunicação e interação entre surdos e ouvintes, como também, das práticas pedagógicas que estavam sendo adotadas na aprendizagem destes alunos no ensino público no sentido de buscarem conhecimento sobre a Libras e à Educação de Surdos, para que possam criar um ambiente educativo propício para que TODOS, surdos e ouvintes, avancem no processo de ensino-aprendizagem, na comunicação e interação. Esta pesquisa foi realizada a partir da Pesquisa de Campo, por meio de questionário semiestruturado com onze perguntas abertas e fechadas, aplicado à quatro professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, sendo um professor do primeiro ano, um do segundo ano e professor 1 e 2 do terceiro ano, sendo o professor do segundo ano e o professor 1 do terceiro ano fazem parte da mesma instituição de ensino, que ensinaram crianças surdas, em salas inclusivas, nas escolas públicas municipais, na cidade de João Pessoa-PB. Diante dos dados obtidos, a partir da reflexão baseada nas bibliografias sobre a educação de surdos percebeu-se a dificuldade de aprendizagem que o aluno surdo enfrentou no início do ano por ter pouquíssimo conhecimento na Libras, como também pelo pouco preparo do professor em relação às especificidades linguísticas dos surdos, gerando assim, mais barreiras de interação e comunicação entre surdos e ouvintes e, consequentemente, no seu processo de ensino-aprendizagem. Assim, observou-se que o ensino da Libras nas escolas vem contribuindo, de forma positiva, no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos, na relação de interação e comunicação com os ouvintes e na vida do professor, pois o docente, ao ser desafiado pela inclusão do aluno surdo na sala de aula regular, nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, sente a necessidade de buscar conhecimento na área da Libras e de adotar metodologias que alcancem as especificidades linguísticas dos alunos surdos em sua sala de aula, contribuindo não só para o avanço educacional, mas também, a diminuição das barreiras sociais e comunicacionais entre os surdos e ouvintes. Sendo assim, o professor, ao ressignificar a educação para os surdos, promoverá o envolvimento e a participação de todos, principalmente do surdo, fomentando o sentimento de pertencimento e inserção em grupos sociais, bem como, a minimização dos obstáculos entre surdos e ouvintes.

Palavras-Chave: Libras; Surdos; Ouvintes; Ensino-Aprendizagem; Professor.

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language, Libras, is recognized as the main instrument of communication and expression of the deaf by Law nº 10.436, of April 24, 2002, it has its own grammatical characteristics that differ from Portuguese. With Decree nº 5.626, of December 22, 2005, the inclusion of deaf students and people with hearing impairments, teachers aware of the linguistic singularity of deaf students, as well as the presence of a Libras-Portuguese interpreter. This research on the teaching of Libras in the literacy and literacy process in the Initial Years in public schools, aims to reflect on the importance of Libras in the literacy process of deaf students, with a view to reducing barriers to communication and interaction between deaf people and listeners, as well as the pedagogical practices that were being adopted in the learning of these students in public education in order to seek knowledge about Libras and Deaf Education, so that they can create an educational environment conducive to ALL, deaf and hearing people, advance in the teaching-learning process, in communication and interaction. This research was carried out from the Field Research, through a semi-structured questionnaire with eleven open and closed questions, applied to four teachers from the early years of Elementary School I, being a teacher of the first year, one of the second year and teacher 1 and 2 of the third year, being the teacher of the second year and the teacher of the third year, they are part of the same educational institution, which taught deaf children, in inclusive classrooms, in municipal public schools, in the city of João Pessoa-PB. In view of the data obtained, from the reflection based on the bibliographies on the education of the deaf, it was noticed the learning difficulty that the deaf student faced at the beginning of the year for having very little knowledge in Libras, as well as for the lack of preparation of the teacher in relation to the linguistic specificities of the deaf, thus generating more interaction and communication barriers between the deaf and hearing people and, consequently, in their teaching-learning process. Thus, it was observed that the teaching of Libras in schools has contributed, in a positive way, to the teaching-learning process of deaf students, in the interaction and communication relationship with the listeners and in the teacher's life, since the teacher, when being challenged by the inclusion of deaf students in the regular classroom, in the early years of Elementary School I, feels the need to seek knowledge in the area of Libras and to adopt methodologies that reach the linguistic specificities of deaf students in their classroom, contributing not only for educational advancement, but also for the reduction of social and communicational barriers between deaf and hearing people. Therefore, the teacher, when redefining education for the deaf, will promote the involvement and participation of all, especially the deaf, fostering the feeling of belonging and insertion in social groups, as well as minimizing obstacles between deaf and hearing people.

KEYWORDS: LIBRAS; Deaf people; Listeners; Teaching-learning; Teacher.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1	Breve Contexto Histórico da Língua de Sinais.....	9
2.2	Caminhos da Libras e Língua Portuguesa na Educação	13
2.3	Metodologia para a Educação de Surdos.....	18
2.4	Pedagogia Surda ou Pedagogia Visual.....	21
3	METODOLOGIA.....	23
4	RESULTADO E DISCUSSÕES.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICES.....	49
	Apêndice A- Questionário de Pesquisa utilizado para a Coleta de Dados.....	49
	Apêndice B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado na Pesquisa.....	52

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais, a Libras, é uma língua reconhecida desde 2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626 desde 2005, a qual possui características gramaticais próprias que se diferenciam da gramática da Língua Portuguesa, pois é uma língua com movimentos e expressões que são captados pela visão.

No Brasil, o Alfabeto Manual ou Datilologia é o alfabeto que a comunidade surda utiliza para representar os nomes próprios, de lugares e objetos quando não existem sinais específicos ou desconhecidos.

Com a regulamentação da Libras, ela passou a ser inserida como disciplina obrigatória nos cursos superiores de Licenciatura e de Fonoaudiologia e o acesso à educação bilíngue assegurado a todas as crianças surdas no Brasil.

A Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) é a principal ferramenta na vida dos surdos, pelo fato de que por meio desta língua eles conseguem interagir socialmente, culturalmente e, até mesmo, cientificamente. É através dela que seus pensamentos e ideias são expressas na sociedade, como também, a poesia e a arte específica da comunidade surda. Sendo assim, o surdo é capaz de ter o acesso à qualquer conhecimento por meio da Libras e em qualquer área de interesse atuação.

O Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei da Libras, prescreveu, dentre outras providências, que as instituições federais devem garantir a inclusão de alunos surdos e/ou com deficiência auditiva em escolas bilíngues ou de ensino regular da rede pública, por meio de professores cientes sobre a singularidade linguística dos alunos surdos, além da presença de um intérprete de Libras-Língua Portuguesa. Cabe também, proporcionar aos professores o acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo.

Em 03 de agosto de 2021, o presidente Jair Messias Bolsonaro aprovou a Lei nº 14.191, que incluiu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino em todos os níveis da educação básica, iniciando na educação infantil e estendendo-se ao longo da vida, como citado na Lei 14.191, em que “a oferta de educação bilíngue de surdos terá início ao zero ano, na educação infantil, e se estenderá ao longo da vida”, refletindo assim, em mais uma luta e conquista de toda a comunidade surda.

A Libras será oferecida nas instituições de ensino como a primeira língua para os surdos e o português escrito será a segunda língua, tanto em escolas regulares como em escolas de referência no bilinguismo para surdos. Isto, a fim de possibilitar, para a comunidade surda seu

desenvolvimento primeiramente na língua materna, que é a Libras e, consequentemente, no português na sua forma escrita.

Anteriormente, ela só fazia parte da Educação Especial, no entanto, seus pais e responsáveis ou até mesmo os alunos surdos e demais públicos que possuem alguma deficiência auditiva terão o direito de escolha em relação à matrícula em escolas e classes de ensino regular.

A Libras é uma língua de modalidade visual, gestual e espacial, e não de gestos aleatórios da Língua Portuguesa. Sem o uso correto do sinal, a compreensão fica comprometida. Ela é uma língua que sofre variações de sinais dependendo da região, cidade e estado que ela seja praticada, possui todos os elementos estruturais gramaticais como morfológicos, semânticos, lexicais e de alguns recursos como Configuração da(s) Mão(s) (CM), movimento (M), Expressão Facial e/ou Corporal, classificadores que devem ser aplicados em sala de aula com alunos surdos, para que eles consigam avançar no processo de alfabetização e letramento.

A criança surda, ao imergir no processo de alfabetização e letramento, precisa ser ensinada a relacionar as descobertas feitas em sua própria língua materna e se expressar por meio dela, proporcionando mais sentido e significado para ela. Em outras palavras, Quadros explicou que a “alfabetização de crianças surdas enquanto processo; portanto, só faz sentido se acontece na LSB, a língua deve ser usada na escola para a aquisição da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a língua.” (QUADROS, 2000. p. 54).

Diante disso, algumas indagações pessoais, junto a relatos de colegas intérpretes que atuavam em escola regular do ensino público, sobre alunos surdos que, ao chegarem no 3º ano do ensino fundamental, e outros nos anos finais do Ensino Fundamental I, enfrentavam bastante dificuldades educacionais, mesmo sendo inseridos em salas inclusivas, levantaram-se os seguintes questionamentos: Por que os surdos ainda enfrentam tantas dificuldades educacionais na Língua Portuguesa, já que tem intérprete de Libras-Português presente em sala de aula, sala de AEE e salas inclusivas? Será que os professores estão cientes de que os surdos precisam de uma pedagogia com metodologias que estejam mais voltadas ao visual, que valorize a identidade e a cultura surda para que haja uma aprendizagem que faça mais sentido para eles?

Na intenção de responder a tais inquietações, esta pesquisa foi realizada. Para a coleta de dados, a pesquisa contou com a participação de quatro professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, sendo um professor do 1º ano, um do 2º ano e duas professoras do 3º ano, ambos eram de escolas distintas, que ensinaram alunos surdos na cidade de João Pessoa. O objetivo foi refletir sobre o uso da Libras no processo de alfabetização e letramento dos alunos surdos, na perspectiva da diminuição das barreiras de comunicação e interação entre

surdos e ouvintes, como também, das práticas pedagógicas que estavam sendo adotadas na aprendizagem destes alunos na rede regular de ensino público.

Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa pode ser um instrumento de reflexão para professores que estão desenvolvendo suas práticas pedagógicas, como também, para os que se interessam pelo ensino de surdos e pela importância da busca por conhecimento em relação à Libras e à Educação de Surdos. Pois, para a criação de um ambiente educativo propício para o avanço e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, bem como na comunicação e interação de surdos e ouvintes, tais conhecimentos são indispensáveis.

Esta pesquisa, de caráter monográfico, divide-se em cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo referente a um breve contexto histórico da Língua de Sinais; o segundo capítulo sobre os caminhos da Libras e Língua Portuguesa na Educação; o terceiro capítulo acerca dos caminhos metodológicos para a Educação de Surdos, no quarto capítulo apresenta-se a metodologia utilizada nesta pesquisa e no quinto capítulo, os resultados e a discussão dos dados que foram coletados dos participantes da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve Contexto Histórico da Língua de Sinais

No século XVI havia duas linhas filosóficas, uma chamada de Pedagogia da Essência e a outra de Pedagogia da Existência. A Pedagogia da Essência parte do princípio de que TODOS, em sua essência, são iguais, porém se diferem socialmente e economicamente que, por consequência, gera a desigualdade social. Na Pedagogia da Existência o indivíduo possui singularidades que precisam ser respeitadas, sejam elas a presença ou ausência de deficiência, para que assim, haja uma abordagem socialmente igualitária entre TODAS as pessoas.

A Educação, no século XVI, é tomada pela concepção filosófica de que todos os homens são essencialmente iguais, devendo ser tratados igualmente, embora a diferença de condições sociais e econômicas produza desigualdade, sendo denominada de pedagogia da essência. Logo depois, surge a pedagogia da existência, considerando que para que o ideário da igualdade seja respeitado há necessidade de considerar as características particulares do indivíduo. (SAVIANI, 1989, apud ALBRES, 2010, p. 13).

Na Revolução Francesa o ensino doméstico passou a ser discutido, como também, a refletir a escola como um lugar social. Nesse período, o ensino também se transformou, alegando que era preciso a criança ser educada e instruída e, não somente, protegida.

A Educação como direito de TODOS e para TODOS teve um maior apoio com o advento da Escola Nova, pois percebeu-se que ele trouxe um olhar voltado para aquelas pessoas que eram vistas como diferentes, contudo, no cenário de instrução e trabalho, os surdos, no período da burguesia, marcaram um momento histórico, pois mesmo sendo inseridos na produção das fábricas, acabou abrindo o caminho para a entrada da Língua de Sinais até mesmo nas escolas.

A sociedade burguesa proporciona um espaço histórico de aglutinação de pessoas surdas para fins de produção na fábrica ou mesmo na educação. A compreensão dessa articulação permite penetrar na formação da Língua de Sinais no espaço escolar. (ALBRES, 2010, p. 14).

Assim, a Educação de Surdos, neste período, estava voltada para aqueles que possuíam condições financeiras mais favoráveis pelo fato de que o ensino estava baseado na fala, escrita e leitura, porém para os que não possuíam condições financeiras favoráveis, o ensino era baseado em língua de sinais voltado para uma comunicação mais imediatista, de sobrevivência, de uma relação mais funcional do trabalho.

Havia uma preocupação quanto à Educação de Surdos, pois partiam do pressuposto de que “aqueles que não falavam bem não pensavam bem.” (ALBRES, 2010, p.15), porém a democratização do ensino advindo desde a Escola Nova como uma educação de direito para todos ainda se estabelecia lentamente.

A primeira escola para surdos foi criada em Paris, por Abbé L'Epée, em 1756, chamada de Instituto Nacional de Jovens Surdos. Ele ficou conhecido como o pai da educação para surdos, pois contribuiu para o ingresso de surdos na educação pública e gratuita, utilizando a sua língua natural, a língua de sinais.

Em 1857, foi criado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos – Mudos (IISM), uma escola voltada especificamente para meninos surdos, tendo como professor um surdo, Ernest Huet. Este professor carregava consigo a simbologia de que os surdos são capazes para o aprender cognitivamente, de tal maneira como aqueles alunos sem deficiência, como afirmou Albres (2010, p. 16) “Ernest Huet, também era surdo, por isso acreditava na capacidade educacional das pessoas surdas”.

O IISM, cujo público neste momento eram os meninos surdos, utilizava práticas e métodos educacionais específicos, oficinas voltadas para a aquisição de emprego como de mecânicos, alfaiates, entre outros, além da língua de sinais. De toda a parte do país eram enviadas crianças surdas para o instituto, que tinha como missão “o ensino dos valores morais e bens culturais, tais como a fala, a escrita, a leitura, o cálculo, que são fundamentais para que o aluno surdo seja incorporado na sociedade.” (ALBRES, 2010, p.17).

Em 1880, em Milão, foi realizado o 2º Congresso Internacional de Ensino de Surdos, nele foi escolhido por votação o método oralista como o melhor para a educação dos surdos. Um detalhe excludente deste congresso, e talvez isso explique os resultados da votação, foi que os professores surdos que estavam presentes foram proibidos de votar e, a partir desse congresso a língua de sinais foi impedida de ser usada nas escolas.

No Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 1951, fundou-se a Associação de Surdos, como também, surgiu outras associações com a finalidade de ser um local onde o uso da Libras era permitida, valorizada e a comunidade surda se fortalecia cada vez mais.

Em 1957, o IISM passou a ser chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que teve como influência a educação francesa, a Língua Francesa de Sinais, pelo fato de o professor Ernest Huet ser francês.

O INES era a única escola de referência no Brasil na educação de surdos. Isso deve-se ao preparo profissional oferecido e pela destacada inserção do surdo na sociedade. Ela também é responsável em dar subsídios para a formação de políticas públicas para a Educação de

Surdos, além de possuir uma grande quantidade de material em língua de sinais que são distribuídos para as instituições de ensino. O Instituto dispunha do ensino precoce em Libras, do ensino fundamental, médio e foi pioneira em oferecer o curso de Pedagogia Bilíngue para surdos e ouvintes.

O pesquisador Willian Stokoe foi um pesquisador pioneiro, em 1960, no estudo da Língua de Sinais e a construção dos sinais. Seus estudos o levaram para a conclusão de que a Língua de Sinais era uma língua gestual visual e não uma língua de mímicas e gestos qualquer, embora no Brasil, a Libras era considerada como uma língua de gestos e prejudicial às pessoas com surdez porque era baseada no modelo clínico-terapêutico.

Nesse modelo, a surdez é vista como uma patologia que limita o processo de desenvolvimento educacional e da linguagem dos surdos. Os que possuem um déficit auditivo precisariam de procedimentos focados na correção do déficit e o processo de desenvolvimento e da linguagem dos surdos se daria por meio da aprendizagem da fala, pois no oralismo a pessoa com surdez só consegue se desenvolver se alcançar a fala na forma oral. Todavia, após 40 anos a Libras foi reconhecida legalmente e este cenário foi modificando para uma educação inclusiva.

[...] foi relacionada por Skliar e Massone (1995) a dois modelos de compreensão da surdez: o modelo clínico-terapêutico e o modelo socioantropológico. A proposta clínico-terapêutica pensa a surdez de modo vinculado à patologia e ao déficit auditivo, embasando propostas de correção do déficit. Nessa concepção, o desenvolvimento e a linguagem só são possíveis por meio da língua oral. (NUNES *et al.*, 2015, p. 540).

O INES, em 1960, devido às crises financeiras que o instituto estava vivenciando, não conseguia mais atender a todas as crianças surdas que ali chegavam. Com isso, associações como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e o Instituto Pestalozzi começaram a atender os surdos. Logo após, foram criadas diretorias de Educação Especial ligadas à Secretaria de Educação, resultando em escolas chamadas de Escolas Especiais para Surdos.

Com o surgimento do INES, APAE, Pestalozzi, e das Escolas Especiais para Surdos, o Ministério da Educação (MEC) sentiu que havia a necessidade em orientar as unidades de ensino como a INES, considerada instituição de ensino de referência na Educação de Surdos. Sobre isso, Albres (2010, p. 25) afirmou que:

O Plano Nacional de Educação Especial, visando à expansão e qualificação da Educação Especial no Brasil, prioriza a reformulação do currículo e a capacitação de recursos humanos. Assim, no Plano de Ação de 1975 a 1979, acrescentando-se no

plano de 1977 a 1979, o serviço de educação precoce e o atendimento a educandos com problemas de aprendizagem.

O MEC afirmou, em 1979, o oralismo ser a abordagem mais adequada a ser utilizada no ensino brasileiro com os surdos, por ser uma língua oral e escrita relevante na preparação deste aluno surdo para uma efetiva inserção e participação na sociedade. Publicou a primeira proposta oficialmente intitulada de “Proposta Curricular para Deficientes Auditivos.” (ALBRES, 2010, p. 26), com o objetivo principal de educar as crianças surdas focando nas suas dificuldades e não nas singularidades, a fim de torná-los aptos a estarem em salas de aula de ensino regular juntamente com os alunos sem deficiência.

O oralismo é uma abordagem que está centrada na inserção dessa pessoa com surdez nos grupos de ouvintes através do desenvolvimento da oralidade, ou seja, a reprodução de uma fala treinada e mecanizada. Sendo assim, a surdez é vista como uma deficiência que precisa ser minimizada através de estímulos auditivos.

Vygotsky (1998, p.139), em 1934, pontuava que o treino de fala para surdos produzia uma fala mecânica: “A atenção tem se concentrado inteiramente na produção de letras, em particular, e na sua articulação distinta. Nesse caso, os professores de surdos-mudos não distinguem, por trás dessas técnicas de pronúncia, a linguagem falada; e o resultado é a produção de uma fala morta. (ALBRES, 2010, p. 28).

Assim, o oralismo permaneceu no Brasil alcançando as instituições de ensino, clínicas e lugares de reabilitação, todavia, deve ser considerado aquele método de ensino em que leve em consideração o surdo como indivíduo singular e que possui graus de surdez que se diferem.

Pensar na Educação de Surdos não é tarefa fácil, mas deve ser uma educação que atenda à singularidade educativa deste público, que proporcione avanços educacionais no objetivo de torná-los verdadeiros cidadãos atuantes na sociedade, possuidores de pensamentos autônomos, críticos e reflexivos, sem sofrerem o preconceito por seres surdos. Em outras palavras, uma educação igualitária e de qualidade para TODOS.

A partir dessas ideias, um movimento em prol dos direitos das pessoas com deficiência que perpassa todos os âmbitos da sociedade, conhecido como o movimento mundial pela inclusão, levantou-se. Sobre este movimento, tem-se que “O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação.” (BRASIL, 2008, p. 5).

Através deste movimento, originou-se a Educação Inclusiva que visa um ensino que atenda às particularidades educativas que cada pessoa com deficiência necessita. Assim, foram criadas salas de Recursos Multifuncionais dentro das escolas, cuja finalidade foi:

O Atendimento Educacional Especializado – AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2008, p. 1).

Portanto, a Educação Inclusiva exerce um papel fundamental na educação dos surdos, pois através dela vislumbram-se melhores perspectivas de futuro na vida educacional dos estudantes surdos. Com o estabelecimento da Educação Inclusiva, os professores terão condições favoráveis para traçarem melhores estratégias em sua prática pedagógica, a fim de atender as necessidades educativas de seus alunos surdos com mais eficiência, proporcionando assim, uma educação inclusiva de qualidade.

Diante deste contexto, abordaremos nas páginas seguintes, de forma mais específica, questões sobre o surgimento da Libras, como também, a sua inserção nas instituições de ensino.

2.2 Caminhos da Libras e Língua Portuguesa na educação

A Libras é reconhecida legalmente no Brasil pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Possui características gramaticais própria, diferente da Língua Portuguesa, como um conjunto de movimentos e expressões que são percebidos visualmente. A partir do seu reconhecimento no Brasil, passou a ser inserida como disciplina curricular obrigatória em todos os âmbitos de conhecimento nacional nos cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia.

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005).

O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, nos garante a inclusão de alunos surdos e/ou de deficientes auditivos em escolas bilíngues ou em escola regular da rede pública de ensino, como também, com professores cientes da singularidade linguística dos alunos surdos e a presença de intérprete de Libras-Português, além de outras providências.

Todos os seres humanos, independentemente de usarem a voz ou as mãos para se comunicarem, utilizam-se da linguagem, porém os surdos possuem essa capacidade de expressar sua linguagem através da língua de sinais.

Lei nº 8.035, de 2010, que aprovou o novo Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2011-2020, no anexo Metas e Estratégias 4, item 4.4 propõe a oferta de educação bilíngue em Língua Portuguesa e Língua de Sinais – Libras para surdos, na rede regular de ensino. (ALBINO *et. al.*, 2016, p. 9).

A Libras não atende somente às necessidades dos surdos, sejam elas educacionais ou comunicacionais, mas faz-se necessária a todos os indivíduos que têm o interesse em aprender e se desenvolver na língua, colocando-a cada vez mais presente e acessível a todas as pessoas da sociedade. Portanto, através dela abriu-se o caminho na sociedade para que todos os surdos pudessem “ter voz” através das mãos.

A utilização da Libras é de extrema importância para que haja comunicação e interação entre surdos e ouvintes, e também é essencial entre os próprios surdos, pois dessa forma todos vão contribuindo para a valorização da cultura surda, e a construção da identidade além de colaborar com o processo de inclusão social, desprezando qualquer tipo de preconceito. (PENA; MOURA, 2016, p. 185).

Na Antiguidade, os surdos eram rotulados pela sociedade como “coitadinhos” que tinham sido castigados pelo ser superior, em alguns casos, por mortos; pois acreditava-se que o pensamento só se desenvolvia por meio da fala, e por isso, foram privados do ensino, herança, direito de votar e até se casar.

Segundo Coldfield (1997 *apud* AMARAL, 2017, p. 2):

Os surdos eram tratados com piedade e vistos como pessoas castigadas pelos deuses, sendo abandonados ou sacrificados. A surdez e a consequente mudez eram confundidas com uma inferioridade de inteligência. E até o século quinze foi visto como uma pessoa primitiva que não poderia ser educado.

No final da Idade Média iniciou-se o processo de educação dos surdos, simplesmente porque havia filhos surdos de famílias nobres, pois para que eles tivessem o direito à herança dos pais, os mesmos precisavam saber ler e escrever.

Contudo, no final do período do século XX, pesquisas demonstraram que quando os surdos estão em contato com a sua língua materna ou natural – Libras, eles se desenvolvem melhor. Com o surgimento da Libras, caminhos se abriram para uma Educação Bilíngue para surdos. No Brasil, a partir da década de 1980, começa a surgir a filosofia da Educação Bilíngue para essa comunidade.

Entende-se então que, para o desenvolvimento de sua capacidade, deve-se ofertar à criança surda a Educação Bilíngue. Na escola de surdos a forma efetiva de ensino é a Língua de Sinais, onde no Brasil temos a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e esta, assume a importância de primeira língua ou língua materna. (GIZA; SANTOS, 2016, p.105).

No início da década de 1980, o ensino da Língua Portuguesa nas escolas públicas estavam no centro das discussões em relação às melhorias na qualidade da educação, haja vista que o fracasso escolar se dá por causa da leitura e escrita. Os indicadores de repetência no Brasil, nos anos iniciais, possuem estreita correlação com as dificuldades que a escola tem no ensino da leitura e escrita.

O número maior dessas dificuldades se dá ao final do primeiro ano ou nos dois primeiros anos, porque no primeiro ano as crianças sentem dificuldade no processo de alfabetização, e no segundo ano não conseguem garantir o uso da linguagem de forma satisfatória, fatos esses que são condições importantes para que o aluno avance, no mínimo, por todo o Ensino Fundamental.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 21).

Entretanto, muitos alunos universitários (ouvintes) que estudaram em escola pública sentem muita dificuldade na compreensão dos textos, principalmente, em organizar ideias na forma escrita, e com os surdos isso não tem sido diferente. Diante disso, as universidades trocaram a forma de avaliar. Foram deixando as provas de múltipla escolha por questões dissertativas, e, atribuindo à redação um peso maior. Então, diante dessa realidade de fracasso escolar, o ensino da Língua Portuguesa é reestruturado, para que seja satisfatório o ensino da leitura e escrita.

Dois dos principais impedimentos comumente elencados para o acesso e a permanência dos alunos surdos nos cursos superiores das faculdades e universidades brasileiras tem sido o pouco domínio desses sujeitos em Língua Portuguesa na sua forma escrita e o desconhecimento dos educadores para com as especificidades do processo de ensino e aprendizagem do português como segunda língua, particularmente para os surdos. (ALBINO; SILVA; OLIVEIRA, 2016, p. 10).

É papel da escola promover progressivamente o avanço educacional dos alunos, sejam eles surdos ou ouvintes, por todo o ensino, a fim de que sejam capazes de organizarem cognitivamente suas ideias e pensamentos, como também de fazerem diferentes interpretações de texto, seja na forma escrita, em sinais e com relevância em diversas áreas de conhecimento.

Quando os alunos têm a oportunidade de interagir, isso faz com que haja a construção de linguagem, apropriando-se da sua cultura e constituindo-se como sujeito.

A interação entre professor x aluno, como também, aluno x aluno é um momento ímpar em sala de aula, pois através dela que ocorre a construção do conhecimento, a troca de experiências e novas habilidades são desenvolvidas, e ao surdo, além disso, o sentimento de pertença acontece.

É no momento da interação que o aluno agrega à sua aprendizagem valores sociais e educacionais que levarão por toda a sua vida, como nos afirma SOUSA; SOUZA; SANTOS (2021, p.3) que “no meio educacional, independente da modalidade de ensino, a interatividade é de fundamental importância para muito além da aprendizagem dos conteúdos”, entretanto, quando essa interação não ocorre de forma satisfatória na vida do aluno, todo esse processo de aprendizagem fica comprometida.

Entende-se que a aprendizagem só ocorre à medida que a escola tem o aluno como centro de suas ações, acreditando no seu potencial e valorizando a sua história de vida, deve ainda ser um espaço acolhedor, seguro e agradável, além de ter a capacidade de inovar nas suas práticas pedagógicas. (DUMKE; SANTOS, 2016, p. 55).

Com a Constituição de 1988, iniciou-se o processo de inclusão de pessoas com deficiência nas escolas públicas, sendo garantido legalmente pelo Estado. Com isso, surgiu o AEE e a necessidade de professores capacitados para atuarem com esses alunos na sala regular de ensino. Contudo, na área da surdez, faz-se necessário que os professores e demais funcionários tenham curso na área, para que esses alunos consigam avançar de forma satisfatória no seu processo de ensino-aprendizagem, sendo responsabilidade das instituições de ensino oferecerem cursos na área.

Como nos assegura a LDB, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no Art.59, I e III:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”, como também, “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns. (BRASIL, 1996).

Ressignificar uma educação para os surdos é trazer o sentimento de pertencimento e inserção social, e quando isso não ocorre, os anseios e sonhos de vida dos surdos diminuem. Na perspectiva de Educação Bilíngue, a Língua de Sinais é a primeira língua para o surdo (L1), e a língua majoritária do país que o surdo está inserido é a segunda língua (L2). Portanto, no Brasil, a Língua Portuguesa será sua segunda língua e o seu ensino será para desenvolver a leitura e escrita nos alunos surdos. Como escreveu Sá (2016, p. 16), é em vão o esforço de tentar formar leitores surdos sem dar o devido lugar à Língua de Sinais como primeira língua, favorecendo o uso efetivo dos signos que potencializam o surdo para o discurso e para a comunicação interativa e consigo mesmo”.

O ensino da Língua Portuguesa escrita para os alunos surdos ainda tem sido feita com base no ensino para os ouvintes, no entanto, para uma educação bilíngue é preciso que sejam considerados alguns fatores na escola, como o envolvimento de todos os que envolvem a comunidade escolar e a comunidade surda, assim como, professores capacitados na área, intérpretes de Libras, instrutor/professor surdo e produção de material didático para o seu ensino, além da construção de metodologias para o ensino da segunda língua e organização de objetivos pedagógicos que viabilize a continuidade do projeto educacional. Nessa esteira, Dumke e Santos (2016, p. 67) afirmaram que:

É preciso que professores e comunidade escolar estejam aptos a receber os alunos surdos, ou seja, é necessário que além de contar com a presença de Intérpretes a escola desenvolva uma nova realidade inclusiva, adaptando seu currículo, repensando sua metodologia de ensino, seu sistema de avaliação e capacitando seus profissionais. Sendo assim, o Intérprete e a comunidade escolar atuarão como aliados no processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, o contexto educacional bilíngue se configura na relação conjunta da Libras com a Língua Portuguesa, a qual, desempenha um papel de extrema importância na educação de surdos, pois esta contribui significativamente para a aquisição da língua de sinais, e a língua de sinais para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Quando não há o uso da língua de sinais pelos professores em sala de aula, esses alunos surdos se tornam como indivíduos iletrados em sinais. De modo diferente, “com a utilização da Língua de Sinais, a criança terá um melhor desenvolvimento cognitivo, sentindo-se valorizada e motivada a aprender.” (DUMKE; SANTOS, 2016, p. 61).

Os surdos, do ponto de vista educacional, são vistos como fracassados, pois poucos concluem o Ensino Médio, pouquíssimos ingressam no Ensino Superior e menos ainda

produzem pesquisas acadêmicas. A maioria dos alunos surdos que conseguem concluir os estudos, são tidos como analfabetos funcionais. Sobre isto, Dumke e Santos (2016, p. 63) escreveram que:

A maioria dos alunos surdos sofreu uma escolarização pouco responsável pelo fato de serem ensinados por ouvintes a oralizar e por não haver escolas especializadas com pessoas que acreditassem que eles aprenderiam usando Libras. Devido a essas dificuldades os educandos surdos encontram-se defasados no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade.

No âmbito profissional, quando conseguem a inserção no mercado de trabalho, muitos deles, geralmente os mais pobres, exercem funções que exigem menor contato com o público e cuja remuneração conta com baixos valores salariais, ao ponto de familiares terem que ajudar financeiramente, pelo fato de não conseguirem custear suas próprias necessidades.

Sobre a educação dos surdos, Helena Malta (2016, p. 21) escreveu: “duzentos anos de estudos e de formação, devem-nos a Educação, mesmo falando muito desta que é uma pseudoinclusão, continuam isolando os Surdos dos avanços da sociedade, negando-os qualquer possibilidade de competir em nível de igualdade”.

Portanto, quando a escola se organiza pedagogicamente num espaço bilíngue para surdos, por ela ser o primeiro contato linguístico para a criança, fará com que, por meio da língua de sinais, a criança adquira a linguagem, e através dessa relação das línguas, no mesmo espaço educacional, ou seja, na aquisição da (L1) e da (L2), influenciará o aluno em questões como personalidade, socialização, motivação e aspectos afetivos dos sujeitos surdos e, conseqüentemente, em sua aprendizagem.

Como nos garante a Lei de Acessibilidade e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência nº 10.098/00, no capítulo VII, a partir do artigo 17, cabe ao poder Público promover a eliminação das barreiras de comunicação a fim de garantir o direito de acesso à informação, comunicação, como também, à educação do surdo e demais pessoas com deficiências. Quando essa relação, principalmente, entre professor e aluno surdo se faz através da língua de sinais, a comunicação deixa de ser uma barreira entre eles.

2.3 Metodologia para a educação de surdos

O professor que tem em sua sala de aula um aluno surdo, deve ter em mente que este aluno se difere, em relação aos ouvintes, pela sua forma de apreender o mundo. Para isto, é

imprescindível que o professor crie mecanismos que permita este aluno fazer relações entre o que está sendo ensinado em sala de aula e o que acontece na sua vida cotidiana, utilizando como apoio os recursos visuais como filmes, manchetes de jornal, entre outros.

O surdo, por apreender o mundo de forma visual, e as mídias favorecerem mais o oralismo, ao chegar na escola regular sente muitas dificuldades, pois o seu conhecimento de mundo está numa forma reduzida, se comparado com os ouvintes. Na sala de aula, geralmente os surdos possuem poucos pares em sua língua materna, fato este que acaba limitando-os nos momentos de troca de ideias, discussões e diálogos. Sendo de suma importância, o professor utilizar estratégias para a construção de suas aulas, de tal forma, que sejam elas como ponte de apreensão e acesso aos conteúdos e recursos que os surdos terão em sala de aula. Só assim o ensino será ministrado de forma igualitária.

Os surdos, para se desenvolverem na Língua Portuguesa, precisam, antes, terem um bom aprendizado na língua de sinais, pois a sua apreensão de mundo se organiza em língua de sinais, uma língua que é viso-gestual. Para isto, não é o bastante que os conteúdos sejam apenas traduzidos para a língua de sinais, mas que se utilizem do visual desta língua, ou seja, de toda uma semiótica imagética para a explicação de conteúdo.

Autores como Campello defendem então que se trata de um semiótica imagética: um novo campo que explora a visualidade a partir do qual podem ser investigados aspectos da cultura, da constituição da imagem visual presente nos surdos, os chamados “olhares surdos”, que podem ser cultivados também como recursos didáticos. [...] Esse tipo de recurso de linguagem é comum entre pessoas surdas e precisa ser compreendido e incorporado pelas práticas pedagógicas, com o objetivo de favorecer a aprendizagem de alunos surdos. (LACERDA; SANTOS, 2018, p. 186-187).

A língua oferece os recursos de Configuração das Mãos, Expressão Facial e/ou Corporal, como também, recursos visuais como vídeos de produções com adultos ou crianças para serem utilizados pelos professores, a fim de que os alunos alcancem uma alfabetização satisfatória.

Assim, quanto mais rica for a utilização do lúdico no ensino através da língua de sinais, melhor será a compreensão do sistema linguístico pelo aluno. Pois, através dessa metodologia, a criança terá condições para explorar a criatividade e, conseqüentemente, aprender uma segunda língua. Em outras palavras, “o contato, quanto antes com a Libras, traz aos surdos possibilidades de construir sua subjetividade por meio de experiências cognitivas linguísticas, onde se encontram na Língua de Sinais, uma forma concreta e natural.” (JATTI; SANTOS, 2016, p. 166).

Outros recursos que podem ser utilizados pelos professores no processo de alfabetização e no desenvolvimento da leitura e escrita são os relatos espontâneos de histórias, fábulas, literatura infantil em língua de sinais ou produção dos seus próprios materiais adaptados em sala de aula, os quais podem ser utilizados numa mostra cultural na escola, ou em um pequeno local de leitura com os livros produzidos. Assim, todos da escola, e até familiares, terão o conhecimento e acesso à leitura deles, pois quanto mais os surdos conseguirem ler em sinais, mais facilidade terão em ler as palavras na Língua Portuguesa.

Além disso, podem ser feitas atividades que envolvam associações, diálogos espontâneos, leituras em língua de sinais, pois isso faz com que o surdo tenha condição de ler mais sinais, ampliando assim o seu vocabulário e, conseqüentemente, ler as palavras na Língua Portuguesa. Em contrapartida, para os ouvintes, eles aprenderão mais sinais, o que irá contribuir para a diminuição das barreiras de comunicação e interação entre surdos e ouvintes.

Segundo Skyliar (2013), [...] a maioria das crianças surdas filhos de pais ouvintes, possuem a privação linguística, em sua maioria não sabem a Libras, ingressando na escola com pouco conhecimento de mundo, quando comparados com a de crianças ouvintes. É de suma importância que a instituição proporcione a estas crianças o maior número de experiências possíveis com histórias, brincadeiras, dramatizações, todas respaldadas pela Libras[...]. (KILPP; MOURA, 2016, p. 16).

Quando o aluno surdo consegue ler os sinais significa que este aluno já está conseguindo fazer estruturas cognitivamente em forma de texto, a fazer hipóteses; ou seja, está trilhando o caminho da alfabetização. Desta forma, as atividades propostas pelos professores precisam estar articuladas de forma contextualizada. Em todos os momentos, o professor deve estimulá-los visualmente, com a leitura e escrita na Língua Portuguesa, como L2, para que os alunos consigam compreender determinado texto.

Na contação de histórias, o professor, para estimular a criatividade dos alunos, pode criar hipóteses e, num determinado momento da história, interromper bruscamente a contação. Logo após, solicitar que os alunos deem continuidade. Assim, eles poderão comparar suas próprias histórias com a história criada pelo autor, como também, fazer discussão sobre elementos e palavras contidos no texto.

O professor não deve estar preocupado apenas em passar para o aluno os conhecimentos que sabe, mas fazer o aluno “aprender a aprender” e para isso é preciso estar preparado, levando em conta as diferentes formas de aprendizagem dos alunos inclusos, além de fazer com que os alunos participem ativamente de todas as atividades na escola, proporcionar o maior número de atividades coletivas, como forma de interação entre os alunos e de aprendizagem cooperativa. (DUMKE; SANTOS, 2016, p. 53).

Entretanto, é preciso que o professor tenha o cuidado de fazer com que a criança não se sinta frustrada neste momento inicial de produção. Ele deve mediar de forma atrativa e desafiadora esse processo para que a criança, de forma prazerosa, valorize suas produções por mais simples que sejam, pois o objetivo maior dessas atividades será a motivação em escrever e registrar, como também, contribuir para a formação de um ambiente rico em trocas de experiências, crescimento nas duas línguas e na interação entre todos os alunos.

2.4 Pedagogia surda ou Pedagogia visual

Nos dias atuais, cresce a importância em explorar a linguagem não-verbal cada vez mais e, principalmente, a linguagem imagética na educação como o todo. Assim, todos os alunos serão beneficiados, sejam eles pessoas com ou sem deficiência.

A Pedagogia tem sido este campo que vem avançando por esta tendência, ao qual podemos denominar como a Sociedade da Visualidade. Pedagogia esta que subdivide-se em diversas outras áreas, destacando aqui a Pedagogia Surda ou Pedagogia Visual que muito é adotada na Educação de Surdos.

A surdez é encarada como uma experiência visual, portanto, o uso da informação verbal interligada à imagem, se configura como um facilitador para o ensino/aprendizagem deste público de alunos. Podemos dessa maneira concluir que o uso de recursos visuais pode ser um meio facilitador para que ocorra de fato a aprendizagem. (BARBOSA, 2016, p. 3 apud MENEZES, 2020, p. 7).

Os surdos possuem uma especificidade que é característica de sua própria cultura, uma delas é apreender o mundo que está a sua volta por meio das suas experiências visuais. Este artefato peculiar deve ser usado pelos seus educadores a seu favor no processo de construção do conhecimento como um grande aliado nas instituições de ensino.

Embora, a escola, funcionários e família estejam mais cientes quanto à importância da Libras e o uso adequado de artefatos específicos da cultura surda no processo de ensino dos surdos, não são apenas os recursos visuais que serão capazes de levá-los ao sucesso no ensino e aprendizagem. Da mesma forma que, como para os ouvintes, apenas os recursos de uso da escrita, como textos, não levarão ao sucesso do ensino mas que precisam ser refletidos criticamente, como também, os recursos visuais de ser capazes de estimular a criticidade do aluno, seja ele surdo ou ouvinte.

o surdo não precisa almejar assemelhar-se ao grupo majoritário, mas deve assumir a sua surdez: sua cultura, seus traços identitários e sua língua. Esse posicionamento traz consequências para o padrão educacional tradicional. Teremos em sala um sujeito falante de uma modalidade-visual que interage por meio das mãos e do corpo e capta a realidade a sua volta, especialmente pelos olhos. Portanto, cabe ao professor, o papel de rever estratégias de ensino para atingir esse novo público: procurar engajar o estudante como agente construtor de seu próprio conhecimento; construir ambientes de aprendizagens adequados utilizando-se dos recursos apropriados para que reflitam criticamente. (MENEZES, 2020, p. 7).

Vale salientar a importância em aprender a língua de sinais para os surdos, como L1, no seu processo de construção intelectual e cognitiva, como também da língua do país ao qual está inserido, mas que seja um aprender em sua modalidade escrita que faça sentindo socialmente, que traga algum significado para a vida deste surdo. Assim, eles se conectarão melhor com seus pares e com suas famílias, pois em alguns casos são filhos de pais ouvintes, o que dificulta sua interação social, assim, terão melhores condições em avançar na educação de forma igualitária com os ouvintes.

O surdo é um ser singular quanto à sua apreensão de mundo, pois sua percepção se faz através da visão, e no seu processo educacional não é diferente. Quanto mais sua singularidade for mais bem explorada em sala de aula, mais condições terão em avançar educacionalmente e, conseqüentemente, eles se sentirão motivados, interessados e valorizados no seu processo de construção do conhecimento.

A permanência dos alunos surdos no espaço escolar vai além de matriculá-los na escola e tratá-los com afeto e empatia. Antes, é fundamental para o processo de escolarização que estes alunos se sintam participantes do processo educacional, sendo respeitados como surdos que estão imersos em um mundo que é culturalmente visual. Assim, a utilização de uma pedagogia visual contribui para a formulação de metodologias adequadas para as necessidades desses estudantes, valorizando a visualidade e buscando novas formas de apresentar o conteúdo trabalhado. (GOMES; SOUZA, 2020, p. 4).

O professor fará com que a construção do conhecimento do aluno surdo aconteça de forma mais prazerosa, significativa e dinâmica quando começar a fazer uso de metodologias e recursos baseados na visualidade, utilizando-se de artefatos culturais próprios da comunidade surda, como a utilização de recursos tecnológicos como computadores e do uso de jogos e vídeos educativos. Tudo isso pelo fato de a visão ser mais aguçada no surdo, condição que deve ser explorada. Desse modo, quando a Educação de Surdos está baseada nas experiências visuais, o nível da igualdade educacional, diante da sociedade, são elevados.

3 METODOLOGIA

Esta monografia foi desenvolvida por meio da Pesquisa de Campo, ao qual, respeitou as regras éticas, garantindo o anonimato dos sujeitos pesquisados; e a aplicação do questionário só se deu após autorização destes professores (ver apêndice).

Foi aplicado um questionário semiestruturado, com 11 perguntas abertas e fechadas, com 4 professores que tinham experiência no ensino nos anos iniciais com surdos na rede pública de ensino, sendo, na escola municipal de João Pessoa 1, na escola municipal de João Pessoa 2, na escola municipal de João Pessoa 3 e com uma colega professora que tinha experiência no ensino público com surdos no 3º ano, que serão chamadas de Escola1, Escola 2, Escola 3 e Professor 4.

A Escola 1 foi escolhida por ter sido considerada uma escola polo e por haver uma boa quantidade de alunos surdos. Por sua vez, a Escola 2, por estarem desenvolvendo várias atividades na área de Libras juntamente com professor surdo e outros profissionais da área, na escola 3 pelo fato de não ser escola polo e que tinham pouquíssimos aluno surdo.

Ao chegar na Escola 1, no dia 23/10/2018, após apresentar-me à gestora, ela me encaminhou à sala do 1º ano, onde havia uma aluna surda. Ao chegarmos na sala, ela perguntou à professora se aceitaria responder o questionário desta pesquisa. A professora aceitou responder, mas pediu minha compreensão para fazê-lo outro dia, e assim foi feito. Na Escola 2 não foi possível aplicar o questionário porque precisava de uma autorização emitida pela prefeitura de João Pessoa e isso demandava um prazo de 15 dias, porém, não havia mais tempo hábil para tal espera.

Foi quando resolvi aplicar o questionário com a colega professora 4 do 3º ano do Ensino Fundamental, que por sua vez, indicou uma professora do 2º ano que também tinha experiência no ensino com surdos, ambas, faziam parte do corpo docente da mesma instituição escolar e este aluno surdo já estudava na escola desde a educação infantil, porém, só começou a ter contato com a Libras através da colega professora 4 do 3º ano, por ser a única funcionária da escola com conhecimento em Libras. Isso, para que possa fazer uma comparação desde o ciclo dos anos iniciais relacionado ao quesito do letramento e alfabetização.

Esta monografia fundamentou-se na Pesquisa de Campo, que “se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.” (NETO, 2002, p. 51). A pesquisa fez uso de um questionário para a coleta de dados, por ser “uma técnica de investigação [...] com o propósito de obter informações sobre comportamento

presente ou passado.” (GIL, 2008, p. 140), com perguntas abertas e fechadas, pelo fato dos sujeitos envolvidos no estudo estarem inseridos cotidianamente e de forma geral num contexto social ao qual prevalece a cultura dos ouvintes.

A pesquisa foi realizada com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, que ensinaram na rede pública de ensino, na cidade de João Pessoa-PB. Estes professores foram escolhidos por terem experiências no ensino com alunos surdos neste nível escolar.

Os professores fazem parte da equipe docente de escolas públicas municipais distintas, em sala regular de ensino, ou seja, de salas inclusivas com crianças surdas, os quais contribuíram para a reflexão sobre a relevância da temática desta pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de quatro questionários, com perguntas abertas e fechadas, presencialmente, via *e-mail* e *WhatsApp*, pois, como explicou Gil (2008, p. 121):

construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa.

Toda a pesquisa foi feita sob a ótica de materiais bibliográficos a respeito da educação dos surdos, que contribuíram sobre as especificidades que precisam ser abordadas numa sala de aula que tenham alunos surdos. Para tanto, um questionário foi aplicado com as professoras do 1º, 2º e duas do 3º ano, contendo 11 perguntas abertas e fechadas.

Por sua vez, a análise dos dados teve o objetivo de “organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação.” (GIL, 2008, p. 175), todavia, foi feita através de análise interpretativa e reflexiva, por meio dos questionários coletados, acerca da questão da inclusão da Libras na escola e do processo de ensino-aprendizagem que está sendo desenvolvido com as crianças surdas nas salas do ensino regular das escolas públicas.

Através dos dados coletados no questionário, para uma melhor compreensão, as perguntas foram divididas por categorias de análises que são os subtítulos dos resultados, nas temáticas a seguir:

Comunicação e Interação entre Professor e aluno surdo, por ser a base para toda construção e processo do conhecimento.

Comunicação e Interação entre os alunos surdo e ouvintes, pelo fato de a interação e comunicação com seus pares, como também, a troca de novas experiências exercerem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Escola, pais e aluno surdo, cujo objetivo justifica-se por existirem estudos que comprovam os impactos positivos na vida do aluno em relação ao seu desenvolvimento escolar e, recentemente, ter sido lançado o programa do Governo Federal incentivando a aproximação das famílias na escola com a campanha “Quando a família participa, a educação avança”, pois com a participação e envolvimento das famílias na escola que os filhos estão inseridos, melhor é o seu desempenho na escola.

Conhecimento e Formação do professor na área da Libras, pois através de sua formação, ele terá mais confiança para mediar e estimular o pensamento crítico e reflexivo do seu aluno surdo. “Professor e o aluno surdo”, um grande desafio que os professores dos anos iniciais enfrentam, porque precisam ter conhecimentos específicos na área de Libras para que suas práticas educativas alcancem as necessidades pedagógicas do aluno surdo.

Práticas Pedagógicas com o aluno surdo, pois estas se diferem das que são utilizadas com os alunos ouvintes, porque a forma como os surdos apreendem o mundo ao seu redor, que constrói seu pensamento e conhecimento se dá através da troca de experiências visuais e não pela audição e fala. Então, as práticas pedagógicas do professor com o aluno surdo precisam contemplar suas singularidades educativas sempre estimulando o visual.

Dificuldade do surdo na aprendizagem, isso, porque diante da aquisição da linguagem, mesmo sendo em escolas inclusivas, os surdos enfrentam dificuldades em avançar no processo de construção do pensamento crítico/reflexivo e do conhecimento devido a prevalência do método fônico e a escassez no estímulo visual em sala de aula.

Escola x Atendimento Educacional Especializado, Intérprete de Libras, Instrutor/Professor de Libras, pois possuem especialistas com formação específica em Libras cujo principal objetivo deve ser formar uma equipe que atua juntamente com o professor regente do surdo, com a finalidade de eliminar as barreiras que existam dos alunos com deficiência de acordo com as especificidades educativas de cada um através do ensino adequado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos dados coletados, iniciou-se uma abordagem acerca do entendimento da Libras, como ocorria a relação de interação e comunicação entre alunos surdos x alunos ouvintes, aluno surdo x professor em sala de aula e sobre a relação dos pais dos alunos surdos com a escola e professores.

Para identificar as práticas pedagógicas que estão sendo adotadas no tocante às especificidades linguísticas na educação de surdos, foi questionado se a escola dispõe de AEE, com seus respectivos profissionais, na área de Libras; se é oferecida formação continuada na área de Libras para aos professores, como também, se foram adotadas, pelos professores, práticas pedagógicas que alcancem as especificidades educacionais para os alunos surdos.

Assim, considerando os dados obtidos, percebeu-se a dificuldade de aprendizagem que o aluno surdo enfrentou no início do ano por ter pouquíssimo conhecimento na Libras, bem como do professor, devido as especificidades linguísticas dos surdos, continuando assim, com as barreiras de interação e comunicação entre surdos e ouvintes, e conseqüentemente, no seu processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, ao passar dos dias, o professor é desafiado a buscar conhecimento específico na área para promover uma inclusão significativa deste aluno surdo na sala de aula regular. A professora do 1º ano consegue desenvolver sua prática pedagógica de forma que alcance as especificidades linguísticas da sua aluna surda, por contar com uma equipe de atendimento especializado com conhecimento de Libras e de intérprete. A professora do 2º ano tinha conhecimentos muito básicos da língua de sinais, ou seja, o pouco conhecimento era através do curso *online*, à distância, como alfabeto, números, cores, algumas saudações e outras formas de comunicação, gerando mais atraso no processo de ensino-aprendizagens nas duas línguas, pois esse aluno foi o mesmo da professora do 3º ano que está sendo pesquisada.

Segundo a professora do 3º ano, o seu aluno surdo apresentava um grande prejuízo no quesito alfabetização, pelo fato deste aluno ter começado no ano de 2018 uma educação bilíngue (Libras/Português) e, conseqüentemente, de não ter nenhum AEE e nem intérprete de Libras na escola, pois quanto mais precoce o aluno surdo receber uma educação bilíngue, maior e melhor será o seu desenvolvimento e desempenho no processo de ensino-aprendizagem.

[...] a educação de surdos, e principalmente da criança surda necessita primeiramente a Língua de Sinais, e a segunda a Língua Portuguesa na modalidade escrita, assim como descreve Goés (2002, p.43) [...] A corrente do bilinguismo assume a Língua de

Sinais como primeira língua da criança surda, que deve ser aprendida o mais cedo possível; como segunda língua está àquela utilizada pelo grupo social majoritário. (GIZA; SANTOS, 2016, p.115).

Para constatar, sobre esta afirmação, reporto às falas das professoras quando perguntadas sobre a entre o aluno surdo e os ouvintes (professora e alunos) e como elas percebiam o seu aluno surdo no contexto da sala de aula. Em muitos casos essa comunicação e interação se dá de forma muito limitada. Muitas vezes ela acontece por meio de mímicas, pelo fato de que tanto os alunos surdos, como também os professores e até mesmo os pais dos alunos surdos, em muitos casos, chegam nas escolas sem saberem Libras. Muitos pais não sabem se comunicar em Libras com seus filhos. Todavia, foram levantadas as seguintes indagações, e como resposta, obteve-se:

Comunicação e Interação entre professor e aluno surdo

A comunicação em sala de aula é um grande instrumento utilizado pelo professor na construção do conhecimento do seu aluno, ou seja, é através dessa relação que o conhecimento se dá de forma mais eficaz, dinâmica e significativa.

Sendo assim, o professor, principal precursor e mediador por incentivar e manter esta relação de diálogo em sala de aula com seus alunos, deve sempre utilizar como base de toda a construção e processo, trocas de conhecimento e experiências com os discentes, pois

O trabalho do educador efetiva-se com e entre os seres humanos. E, nesse sentido, compreendemos que uma educação autêntica promove a dignidade das pessoas esperançosas de que vivam humanamente, isto é, que sejam capazes de fazerem-se construir-se, inventarem-se, desenvolverem-se, pois não nascemos prontos, acabados, satisfeitos. (ECCO; NOGARO, 2015, p. 4).

Quando a comunicação e o diálogo não ocorrem de forma humanizada entre professor e aluno, reflete no distanciamento e desinteresse entre ambas as partes. Desse modo, prejudica a interação em sala e a possibilidade desses alunos expressarem seus pensamentos, opiniões e de aprenderem um com o outro.

Na educação de surdos essa prática humanizadora torna o ambiente em sala de aula mais propício ao seu desenvolvimento, pois eles não serão vistos apenas como indivíduos que precisam saber ler e escrever corretamente, mas como seres humanos aptos, como qualquer outra pessoa, a atuarem na sociedade. Nessa mesma esteira, Ecco e Nogaro (2015, p. 4) escreveram que a “educação e humanização são termos indicotomizáveis, pois educar, em

síntese, objetiva formar e transformar seres humanos, valorizando processos de mudança dos sujeitos, atualizando suas potencialidades, tornando-os humanos.

Podemos observar nas respostas abaixo, das professoras questionadas, que quando o ambiente educacional é criado de forma mais humanizada, a construção do conhecimento do aluno surdo acontece de forma mais natural e, conseqüentemente, com mais sentido e significado para o surdo. Segue o quadro 1.

Quadro 1 – Primeira pergunta do questionário.

PERGUNTA 1	RESPOSTAS	
Como ocorre ou ocorreu a comunicação entre aluno surdo com o professor?	Professora do 1º ano	“No início foi difícil, tendo em vista que minha aluna estava em processo de alfabetização para o ensino da libras, depois foi acontecendo de modo natural”.
	Professora do 2º ano	“No início de 2017 quando ensinei ao aluno surdo ele não estava fazendo Libras, o estudo, a priori, da utilização da mímica para a comunicação inicial e poder introduzir a alfabeto, os números em Libras”.
	Professora 1 do 3º ano	“No início era só mímicas, depois passou a ser feita através de sinais, pois tenho um pouco de conhecimento dos sinais”.
	Professora 2 do 3º ano	“Através de poucos sinais na Libras, mímicas, pois o aluno surdo não era alfabetizado na Libras e possuía pouco conhecimento da mesma. Foi utilizado muitas imagens para ajudar na transmissão dos conteúdos”.

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Comunicação e Interação entre os alunos: surdo x ouvintes

A comunicação e a interação na construção do conhecimento em sala de aula entre os alunos surdos e ouvintes são campos desafiadores, porque refletirão nas escolhas das práticas pedagógicas adotadas pelo professor em relação às possibilidades de avanços educacionais por todos.

No processo de ensino-aprendizagem é de fundamental importância a interação com seus pares, para que assim ocorra a troca de experiências e o desenvolvimento de novas habilidades. Falar em interação remete a Vygotsky, quando explicou que “a interação entre

indivíduos possibilita a geração de novas experiências e conhecimento.” (SOUSA; SOUSA; SANTOS, 2021, p. 3).

A interação está diretamente relacionada sobre algo, ou seja, a construção do conhecimento se dá a partir da interação entre a parte teórica com a prática, no diálogo em sala de aula entre o professor com seus alunos, entre o aluno surdo com os ouvintes, e assim, constrói-se uma interação de forma significativa para ambos os envolvidos. Conforme os autores supracitados, “ao fazer uso da interatividade, o aluno estará atrelando ao seu processo de formação, uma série de outras competências e habilidades fundamentais para a sua formação integral.” (SOUSA; SOUSA; SANTOS, 2021, p. 4).

É de extrema importância a interação em sala de aula, pois ela proporciona melhores avanços educacionais e de forma significativa entre os pares por toda a jornada educacional dos discentes. A seguir temos o quadro 2.

Quadro 2 – Segunda pergunta do questionário.

PERGUNTA		
Como ocorre ou ocorreu a comunicação entre aluno surdo com os alunos ouvintes?	Professora do 1º ano	“Costumo dizer que a turma vai sair bilíngue, pois os mesmos estão aprendendo Libras junto nossa aluna surda”.
	Professora do 2º ano	“Através da mímica, sempre houve uma interação muito boa entre o aluno com surdez e os outros colegas ouvintes”.
	Professora 1 do 3º ano	“Através de gestos e alguns sinais”.
	Professora 2 do 3º ano	“Ocorre de forma natural, com o apoio da intérprete da Libras os alunos questionam algum sinal que eles desconhecem e que desejam fazer no comento da interação com o aluno surdo”.

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

A Educação Inclusiva conseguiu quebrar muitas barreiras e preconceitos que as pessoas com deficiência enfrentavam tanto na sociedade como nas salas de aula, local este que nunca deveríamos encontrar esses preconceitos; entretanto, os surdos foram conquistando seus espaços na sociedade. A Libras foi sendo cada vez mais propagada em todos os espaços, razão

de hoje vemos pessoas de todas as idades se comunicando através dela, uns mais e outros menos. Por essas e outras razões “a escola assume um desafio: educar na e para a diversidade. Dentre todas as diferenças, a surdez impõe um desafio maior: desenvolver um processo de ensino-aprendizagem em Libras, com estratégias bilíngues em contexto inclusivo.” (CASTRO; KELMAN, 2022, p. 10).

Isso é percebido no quadro abaixo (Quadro 3), através dessas crianças que, de jeito espontâneo, da forma peculiar de cada uma, que naturalmente as fazem se importar e interagir com o seu próximo, compreendem que precisam acessar à língua e aprender sinais em Libras para poderem interagir e comunicarem-se ainda mais com pessoas surdas. Como foi relatado pelas respondentes, os alunos ouvintes agiam com respeito para com seus colegas de turma surdos. Quando se deparavam com dificuldades de interação e comunicação com eles, recorriam ao intérprete e, noutro momento, o professor era aquela ponte que fazia a ligação entre os alunos.

Quadro 3 – Terceira pergunta do questionário.

PERGUNTA	RESPOSTAS	
Como acontece a interação em sala de aula entre o (s) aluno (s) surdo (s) e ouvintes?	Professora do 1º ano	“Digamos que acontece de modo espontâneo e quando apresentam dificuldade os mesmos pedem ajuda do intérprete”.
	Professora do 2º ano	“Com o princípio do respeito e compreensão”.
	Professora 1 do 3º ano	“Boa, alguns se interessam em perguntar sinais para se comunicar com ele, e sempre o envolve nas atividades propostas como educação física, informática, participa de todas as atividades como: ajudante do dia, ensino religioso, organização da fila, etc, e todos acolhem com carinho. (Desde o início há um trabalho de conscientização com os alunos ouvintes”.
	Professora 2 do 3º ano	“Ocorreu através de mímicas e poucos sinais, pois os colegas de turma também não são usuários fluentes na Libras, mas se esforçavam para manter a comunicação com o aluno surdo”.

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Escola, pais e aluno surdo

Numa Educação de qualidade que tanto almejamos é preciso que a tríade escola, pais e alunos caminhe no mesmo propósito e visão para podermos chegar a esse fim. Entretanto, sem a cooperação, principalmente dos pais dos alunos, a educação encontrará dificuldades em avançar, pois ela não existe de forma isolada da sociedade.

Estudos atuais apontam que uma boa parceria entre família e escola tende a ser fator preditor de saúde, visto que melhora o processo de aprendizagem, afeta positivamente os resultados acadêmicos. Previne igualmente problemas de comportamento, de frequência nas aulas, abandono escolar e estimula o seguimento dos estudos em nível superior. (SARAIVA; WAGNER, 2015, p. 2).

Há relatos de escolas e professores sobre a ausência de muitos pais/responsáveis de alunos. Tais pais/responsáveis não dão assistência aos seus filhos em casa, refletindo, assim, em muitas dificuldades que os alunos enfrentam em sala de aula. Desse modo, é de grande relevância a construção de documentos voltados para esse fim, “para que sejam capazes de acompanhar melhor os seus filhos, cobrando deles mais compromisso na construção do seu futuro.” (SOUSA; SOUSA; SANTOS, 2021, p. 5), para que possam atuar de forma ativa na sociedade. Entretanto, quando a realidade do professor muito se difere do seu aluno, não ocorre a empatia com seu aluno, com a família e, conseqüentemente, são lançados aos pais e familiares dos alunos conceitos e julgamentos como falta de interesse, compromisso, ausência e falta de assistência na educação dos filhos, seja em casa ou na escola.

Os professores que provém de contextos culturais diferentes dos seus alunos, são menos propensos a conhecer esses sujeitos e suas famílias se comparados àqueles que provém de contextos culturais semelhantes aos das famílias que atendem na escola. Além disso, as diferenças culturais entre professores e famílias fazem com que os primeiros acreditem que os alunos e pais sejam desinteressados ou não envolvidos como deveriam na escolarização dos seus filhos. (JUNGES; WAGNER, 2015, p. 47).

Com isso, no quadro abaixo (Quadro 4), percebe-se nas falas abaixo das entrevistadas uma harmonia respeitosa pela educação dos filhos surdos entre família e escola, a equipe da escola se mostrando acessíveis aos familiares e procurando trazer para mais perto da escola seja através de reuniões ou livre acesso a instituição de ensino.

Quadro 4 – Quarta pergunta do questionário.

PERGUNTA		
Como se dá a relação de interação entre a escola, os pais das crianças surdas com os alunos surdos?	Professora do 1º ano	“A equipe é bem acessível, então a interação é tranquila de acordo com as necessidades das partes, além das reuniões bimestrais”.
	Professora do 2º ano	“Nesta escola, a criança surda sempre foi muito respeitada e querida por todos e o cuidado nunca foi esquecido. Os pais reconhecem essa postura de instituição acima citada”.
	Professora 1 do 3º ano	Não há resposta.
	Professora 2 do 3º ano	“É uma relação próxima. Contudo, é preciso que a família se empenhe mais em aprender a Libras para poder ajudar a criança. Esta é a lacuna que percebi nesta relação”.

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Conhecimento e Formação do professor na área da Libras

Pensar em educação não se trata apenas de conteúdos vistos em sala de aula, mas refere-se a toda a construção de conhecimento e experiência vivenciadas que o indivíduo carrega consigo ao longo da vida, cuja finalidade é desenvolver-se como indivíduos autônomos, críticos e reflexivos em seus pensamentos e opiniões no ambiente ao qual estão inseridos.

A formação do professor é fundamental nesta construção do indivíduo, pois será através dela que o docente terá mais segurança em mediar e estimular o desenvolvimento da autonomia do pensamento crítico e reflexivo do seu aluno, articulando esta ação prática com o seu conhecimento teórico.

Sobre isto, Costa, Santos e Martins afirmaram que “a formação contínua e permanente dos docentes caracteriza-se como um espaço de reflexão, atualização, aprofundamento de saberes e práticas, interação com novos conhecimentos, desenvolvimento de experiências e

ampliação de competências profissionais.” (COSTA; SANTOS; MARTINS, 2020, p.1). Explicaram, ainda, que O investimento na formação docente “constitui-se em uma das estratégias fundamentais para que os objetivos visados pela educação sejam atingidos, sendo eles a construção de uma personalidade autônoma e reflexiva do educando perante a realidade social na qual se encontra inserido.” (COSTA; SANTOS; MARTINS, 2020, p.2).

Em relação à educação dos surdos, na formação teórica docente, os professores tiveram a oportunidade, minimamente, com a disciplina de Libras, de conhecerem um pouco sobre as diversidades e singularidades que o universo surdo possui no ensino, a fim de que o docente consiga fazer melhores escolhas quanto à sua prática educativa pedagógica em sala de aula com seu aluno surdo.

É sabido que há uma escassez de educadores que tenham alguma formação mais específica na área da Libras, limitando, assim, o seu conhecimento sobre como conduzir a educação dos surdos. De maneira contrastante, professores com conhecimento na educação dos surdos possuem maiores possibilidades para construírem melhores propostas educacionais para o estabelecimento de uma educação inclusiva e igualitária.

Fazer uma educação para alunos surdos, que viabilize alcançar as suas necessidades e considerando suas capacidades, com utilização de recursos acessíveis para o desenvolvimento de seu aprendizado, ainda tem sido um grande desafio, pois ter-se uma escola sem que haja exclusão e que atenda a todos os alunos de forma igualitária, é uma busca incessante dos profissionais da educação. (SILVA; SILVA, 2020, p. 4).

Assim, nas falas dos dois quadros abaixo (Quadros 5 e 6), duas entrevistadas citam conhecimento referente à Libras no período de sua formação acadêmica, e as outras duas destacam o conhecimento na área referente à formação continuada, fato este que faz refletir sobre a importância do aporte teórico prévio por todos os docentes que estão inseridos nas salas inclusivas com surdos, que não se resumam apenas ao básico da Libras como o alfabeto, números e alguns sinais fora de contexto e significado, mas que tenham o conhecimento teórico para fazerem melhores escolhas enquanto a práticas educativas.

Quadro 5 – Quinta pergunta do questionário.

PERGUNTA	RESPOSTAS	
Você tem algum conhecimento	Professora do 1º ano	“Sim. Estou cursando o 3º bloco de libras no Celest”.

específico na área de Libras?	Professora do 2º ano	“Sim, básico, compreensão de alfabeto, números, saudações (algumas), etc.”.
	Professora 1 do 3º ano	“Curso básico”.
	Professora 2 do 3º ano	“Sim. Meu conhecimento se baseia, primeiramente, no convívio junto a comunidade surda na igreja católica, posteriormente na educação básica numa escola regular da rede pública. Por meio das interações que obtive conhecimento específico na Libras, que foram aprofundados em cursos específicos na área”

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Quadro 6 – Sexta pergunta do questionário.

PERGUNTA	RESPOSTAS	
Você já passou por alguma formação em Libras? Qual?	Professora do 1º ano	“Sim. Semana passada concluí uma formação voltada para a produção de material didático para o ensino ao surdo”.
	Professora do 2º ano	“Sim, curso online de Instituição de Educação a Distância”.
	Professora 1 do 3º ano	“Especialização em Libras (cursando)”.
	Professora 2 do 3º ano	“Formação em curso básico pela igreja católica, cursando Graduação em Letras Libras e na Pós-Graduação em Libras, esta última já concluída”.

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Professor x aluno surdo

Sabemos que as escolas públicas tentam oferecer uma educação inclusiva para seus alunos da Educação Especial, porém, ao receberem algum aluno com deficiência, muitos professores se sentem inseguros por não terem tido uma formação que lhes trouxessem segurança para atenderem tal público. Dessa forma, essa nova realidade em sala de aula se

configura num grande desafio para o educador, pois precisará de conhecimentos que lhes forneçam apoio para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas em sala de aula.

A Educação no Brasil tem sido muito cobrada pela qualidade no ensino, e ao se deparar com resultados insatisfatórios remetem-se diretamente às práticas pedagógicas do professor, que não estão indo de encontro às necessidades educacionais dos alunos.

O professor dos anos iniciais carrega sobre si uma série de responsabilidades para o seu exercício em sala de aula, como o domínio dos conteúdos de todas as disciplinas, por exemplo. Além disso, precisam ter uma didática adequada além de um conhecimento teórico específico sobre como atender cada público-alvo da Educação Especial.

A formação do professor vai além de questões práticas, pois exige compreender a complexidade dos conhecimentos profissionais e da atuação docente interligada com relações culturais, políticas, ideológicas, teóricas, experienciais [...] além de considerar a diversidade presente na escola. [...] ensinar no contexto da diversidade demanda que os professores ampliem os saberes que já possuem. Nessa perspectiva, são também aprendentes, de modo que podem transformar a prática pedagógica a partir das aprendizagens e da troca de experiências com seus pares. (OLIVEIRA; DIAS, 2022, p. 3).

O professor que atua na educação inclusiva exerce um papel de grande importância em sala de aula, pois a sua postura com o aluno da Educação Especial poderá motivá-lo com seus estudos, favorecendo a aprendizagem, como também, na quebra de preconceitos e barreiras, caso seja construído pelos demais alunos.

Educação Inclusiva é trabalhar e educar com a diversidade, universo esse que está presente nas dependências das instituições de ensino, ao qual não representa um depósito de crianças para somente aprender a ler e escrever, mas um local social, com pessoas que fazem parte de uma sociedade e que levaram seus conhecimentos construídos para além das paredes da instituição de ensino.

Nas colocações das respondentes abaixo (Quadro 7), percebe-se a importância do conhecimento teórico específico para atuar na educação dos surdos. Esta declaração fica evidente quando uma das respondentes explica que se sentiu desafiada nesta área e que precisa de “muitas habilidades específicas do professor” (Professora do 2º ano). Continua afirmando ser difícil a atuação com os alunos com deficiência pelo fato de tantas obrigações que estão atreladas ao professor polivalente. Por fim, reconhecem que os surdos precisam de um acompanhamento mais específico além do intérprete, para que eles consigam ter uma educação de qualidade.

Quadro 7 – Sétima pergunta do questionário.

PERGUNTA	RESPOSTAS	
Como você ver o aluno surdo no contexto da sala de aula?	Professora do 1º ano	“No início foi um desafio, depois inspiração pois fui aguçada a buscar formação objetivando a inclusão. Quando o professor tem formação o processo ensino-aprendizagem é motivador para todos entre surdos e ouvintes”.
	Professora do 2º ano	“Este exige muitas habilidades específicas do professor, de uma adaptação curricular que foque no visual e não na aprendizagem auditiva. Precisa de recursos e investimentos.
	Professora 1 do 3º ano	“Vejo muito difícil para o aprendizado, porque o aluno surdo precisa de um acompanhamento específico, no qual esteja inserido na comunidade surda para aprender a sua língua materna”.
	Professora 2 do 3º ano	“Vejo-o como um aluno que precisa de apoio especializado para poder garantir sua aprendizagem. Que não basta ter um intérprete da Libras mediando sua comunicação, mas que é preciso um direcionamento específico na Libras (atividades adaptadas, instrutor surdo, apoio pedagógico especializado) para que o mesmo acompanhe os conteúdos trabalhados em sala de aula sem prejuízo”.

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Práticas Pedagógicas com o aluno surdo

Muitas práticas pedagógicas que são utilizadas pelo professor dos anos iniciais são mais para atender o público ouvinte, entretanto, para os surdos esta mesma prática não funciona, pois a forma de construir seu conhecimento se difere pelo fato de serem visuais e muito se utiliza o método fônico.

O processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo necessita de uma prática educativa que atenda às suas singularidades educacionais, pois a prática pedagógica que o professor utiliza

está diretamente relacionada aos seus avanços educacionais. Quanto maior for o uso do método tradicional mais difícil será de avançar, pelo fato de que os surdos precisam ser estimulados visualmente e, assim, necessita-se que as práticas pedagógicas do professor explorem ao máximo essa singularidade dos surdos.

a presença do intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas da surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas, ou seja, se a escola não atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser, ainda assim, bastante inacessíveis ao aluno surdo. (MACEDO; ALMEIDA, 2020, p. 6).

Assim, “a identidade surda é construída numa cultura visual, o que reforça a importância dos recursos visuais no fazer pedagógico e da composição de uma Pedagogia Visual” (SILVA; SILVA, 2020, p. 5). Nesse contexto, uma educação que se faz com metodologias adequadas proporcionará aos surdos uma educação de forma mais significativa e igualitária.

Pouco se percebe, no quadro abaixo (Quadro 8), referente ao questionário, sobre as práticas pedagógicas adotadas pelas professoras no processo de ensino-aprendizagem que estimulem o visual do seu aluno surdo. O que mais aparece é um tipo de prática voltada para o ensino tradicional, método este que oferece poucos avanços educacionais aos surdos, porque seu foco maior está na aquisição da leitura e escrita e, conseqüentemente, na fala e audição, ou seja, prevalece uma educação voltada a atender o público ouvinte.

Quadro 8 – Oitava pergunta do questionário.

PERGUNTA	RESPOSTAS	
Em relação ao processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo foi adotado alguma prática pedagógica que alcance ou alcançou as especificidades linguísticas educacionais do aluno surdo? Se sim, qual (is)?	Professora do 1º ano	“Sim. Temos uma rotina que gera aprendizagem como: contagem, dias da semana, ajudante, alfabeto e números em libras e canções adaptadas em libras, fora as atividades direcionadas para o aluno surdo”.
	Professora do 2º ano	“Sim, foquei no ensino de regras na convivência com os outros alunos, o brincar juntos (socialização), introdução de famílias silábicas através da Libras e outros assuntos”.
	Professora 1 do 3º ano	“Sim. Atividades lúdicas diferenciadas e adaptadas com materiais diversos. (imagens, atividades relacionadas libras/português)”.

	Professora 2 do 3º ano	Não há resposta.
--	-----------------------------------	-------------------------

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Dificuldade do surdo na aprendizagem

Muitos alunos surdos enfrentam variadas dificuldades na aquisição da linguagem e no avanço do processo de construção do conhecimento, pois mesmo sendo alunos de escolas inclusivas, nas práticas pedagógicas pouco se vê sobre a alfabetização e o letramento voltados para o aluno surdo, como também se percebe a escassez do estímulo visual. O que é percebido fortemente é a escolha do educador pelo método de alfabetização de forma muito isolada do letramento, e isso dificulta muito os surdos em avançarem no processo educacional.

Nessa esteira, Peixoto e outros autores (2018, p. 32) expuseram que a “Experiência visual, apresentado por Strobel (2008) é a base da vivência de mundo das pessoas surdas. Significa ter a capacidade de transformar o mundo ao seu favor através da substituição de informações sonoras, para as informações visuais”.

Os surdos compreendem melhor o mundo que os cercam por meio de suas experiências visuais, e isso demonstra um público de cultura diferente, que apreende o seu redor de forma diferente. Para atender essa especificidade, a comunidade surda possui artefatos próprios de sua cultura, todavia, “é considerado artefato aquilo que está atrelado à cultura e a sua língua, bem como seu modo de ser e viver.”(VIEIRA; PEIXOTO, 2018, p. 16).

É preciso que haja um maior e melhor investimento na formação continuada e na propagação do conhecimento dos artefatos culturais da comunidade surda para que possamos contemplar uma educação que alcance a TODOS.

Na creche de surdos, as crianças percebem muitos detalhes visuais, a ponto de rejeitar uma folha de papel para desenhar porque tinha um pontinho bem pequeno, quase invisível, que identificaram como uma sujeira, então ninguém aceitava aquela folha para desenhar. (PEIXOTO *et al.*, 2018, p. 41).

O professor, ao pensar no artefato visual quanto escolha na prática educativa em sala de aula com seus alunos surdos, abre mão de uma cultura escolar majoritariamente pensada para ouvintes, demonstrando valorização e respeito à comunidade que apreende o mundo de forma diferente. Essa postura é a mais adequada quanto ao processo de construção de conhecimento de alunos surdos.

[...] é fundamental para o processo de escolarização que estes alunos se sintam participantes do processo educacional, sendo respeitados como surdos que estão imersos em um mundo que é culturalmente visual. Assim, a utilização de uma pedagogia visual contribui para a formulação de metodologias adequadas para as necessidades desses estudantes, valorizando a visualidade e buscando novas formas de apresentar o conteúdo trabalhado. (GOMES; SOUZA, 2020, p. 4).

Diante disso, podemos melhor refletir sobre esta realidade, nessas instituições de ensino, por meio das afirmações a seguir (Quadro 9), quando as professoras relatam dificuldades no eixo da leitura porque em sua prática muito se utiliza o método fônico, ou seja, uma educação voltada majoritariamente para atender as necessidades dos ouvintes.

Quadro 9 – Nona pergunta do questionário.

PERGUNTA	RESPOSTAS	
Qual o nível de dificuldade que o aluno surdo apresenta na aprendizagem?	Professora do 1º ano	“Nesse momento a nossa dificuldade é o eixo leitura, pois como trabalho muito com o som das letras para o aluno ouvinte termina que esse momento não é atrativo para o aluno surdo”.
	Professora do 2º ano	“Atrasos na aquisição de conteúdos eu necessitam de compreensão auditiva devendo ser substituídos por uma linguagem visual (adaptação curricular).
	Professora 1 do 3º ano	“O nível de dificuldade era imenso, até porque ele não conhecia nada da língua dele, foi a partir daí que comecei a incentivar a mãe, pedi os documentos dele, exames, pedi tudo pra que ela colocasse ele na Funad, que fosse lá para ele aprender a língua dele, embora as vezes os pais não aceita, inclusive o pai dele tinha feito uma campanha para fazer um implante nele, mas não conseguiram arrecadar o dinheiro o suficiente. Ele foi se desenvolvendo, eu como estava no curso ajudava muito, ele foi aprendendo e desabrochando. Quando saí ele já falava muita coisa na língua dele e já conseguia escrever o primeiro nome dele sozinho sem olhar no crachá. A dificuldade era em todos os sentidos porque ele não conhecia nada da língua dele, ele

		apontava e gritava, não tinha nenhuma noção, quando eu comecei a ensinar e fazia o sinal ele já conhecia e já sabia. Ele vinha e fazia o sinal também. Quando ele foi conhecendo e entendendo que eu estava entendendo ele na sua língua, fazia os sinais, pronto, ele na escola participava de tudo, porque a princípio ele não queria, tinha até medo de participar da aula de ed. física, e depois, ele era o primeiro a querer ir para a educação física. Ele participou até de um coral no final do ano”.
	Professora 2 do 3º ano	“Bastante! Considerando que o mesmo não é alfabetizado na Libras, muito mesmo na Língua Portuguesa. Mediante a esta cruel realidade o aluno surdo se encontra perdido diante de uma bagagem de conteúdo de áreas do conhecimento distintas (matemática, ciências naturais, história, português, dentre outras) no qual o mesmo, por muitas vezes, não consegue compreender devido à complexidade deste. Alguns conteúdos concretos, a exemplo da matemática, utilizamos alguns jogos, materiais pedagógicos como suporte. Porém, isso é o mínimo diante de uma demanda de conteúdos abstratos trabalhados em sala de aula”.

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Escola x Atendimento Educacional Especializado, Intérprete de Libras, Instrutor/Professor de Libras

Incluir alunos com deficiência em escolas regulares sempre foi motivo de grande debate na sociedade e de desafios para o professor, embora existam leis que respaldam essa inclusão, elas devem garantir, na prática, que essa educação ocorra de maneira adequada para cada aluno público-alvo.

As salas de Recursos Multifuncionais surgiram com o objetivo de eliminar as barreiras existentes pelos alunos com deficiência de acordo com as especificidades educativas de cada aluno, as quais, oferecem também profissionais para atuarem junto com o professor do AEE, como Intérprete de Libras e o Professor/Instrutor Surdo para o ensino da Língua de Sinais. Sobre isso, Lima e Santos (2014, p. 27) explicaram que “o Atendimento Educacional Especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”.

Os professores de escola de ensino regular inclusiva necessitam de uma equipe de apoio para lhes darem suporte na educação dos surdos, a fim de que tenham uma educação mais adequada, que atendam às suas especificidades educacionais; contudo, muitas escolas só disponibilizam apenas do intérprete de Libras e muitas das vezes há a ausência deles nas escolas.

O intérprete de Libras em sala de aula não é o bastante para o avanço educacional do aluno surdo, é preciso que tenha o suporte de uma equipe com conhecimento na Libras juntamente ao professor para traçarem melhores estratégias educacionais para o aluno surdo. No quadro abaixo (Quadro 10), percebe-se que todas as quatro escolas possuem sala de AEE com profissionais capacitados na área da Libras para atuar junto ao professor regente da sala de aula, principalmente dispõem de um Instrutor Surdo, profissional muito importante na educação de surdos, pois representa o fortalecimento da cultura e identidade dos surdos, como também, o sentimento de pertença e empatia dentro da instituição de ensino.

Quadro 10 – Décima pergunta do questionário.

PERGUNTA	RESPOSTAS	
Na escola há Intérprete de Libras, Instrutor/ Professor surdo ou Sala de AEE, ao qual saiba Libras? Se sim, especifique.	Professora do 1º ano	“Sim. Temos intérprete e AEE, ambos com conhecimento em libras”.
	Professora do 2º ano	“Sim, a professora da criança atual é intérprete de Libras, havendo atualmente um instrutor/professor surdo, como também, existe na escola Sala de AEE.
	Professora 1 do 3º ano	“Sim. Só Instrutor/Professor Surdo que é surdo, sala de AEE”.

	Professora 2 do 3º ano	“Há intérprete da Libras que acompanha tanto na sala de aula como nos momentos que é atendido na sala de AEE. Tal profissional se esforça para não apenas traduzir e interpretar, mas de informar a professora dicas para auxiliar na aprendizagem e na comunicação com o aluno surdo”.
--	-----------------------------------	--

Fonte: Produção própria a partir das respostas ao questionário.

Ao término do questionário, numa conversa informal com a “Professora 1 do 3º ano”, ela relatou que a professora da Sala de AEE não tinha conhecimento na área de Libras e, portanto, o aluno surdo não tinha o acompanhamento educacional, o qual é direito garantido por lei e, desta forma, comprometendo ainda mais o avanço educacional do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Pesquisa quando desenvolvida foi planeada para os dados serem apresentados os no ano de 2018, contudo, houve percalços pessoais que dificultaram a defesa deste trabalho monográfico, logo após, fomos surpreendidos pelo vírus da COVID-19, pandemia esta que muito assolou e assustou todo o mundo.

Então, ao esperar por um momento mais seguro do controle do vírus e retorno das atividades e defesas acadêmicas de forma presencial, escolhi para este ano de 2022, pela apresentação deste trabalho de conclusão do curso por ser um momento extremamente significativo na minha formação acadêmica.

Portanto, ao construir essa pesquisa, entende-se que o ensino da Libras deve ser garantido às pessoas surdas em todos os níveis e modalidades de educação, como também, o acesso à literaturas e o desenvolvimento de atividades e conteúdos curriculares que alcancem as singularidades linguísticas do aluno surdo. Porém, para que este direito seja garantido de fato, é preciso que o professor tenha formação e conhecimento em Libras. Assim, este professor terá condições de desenvolver uma prática pedagógica que venha alcançar as especificidades educacionais dos alunos surdos, como também, de atuar na mediação e interação entre surdos e ouvintes nessa relação Libras x Português em sala. O professor, quando age assim, estará ressignificando a educação para surdos, trazendo o envolvimento e a participação de todos e, ao surdo, o sentimento de pertença e inserção em grupos sociais, como também, promovendo a diminuição das barreiras sociais e comunicacionais entre surdos e ouvintes.

Mesmo diante das dificuldades que foram encontradas para a realização desta Pesquisa de Campo, tais como: uma professora que negou a sua contribuição para esta pesquisa; outra que, depois de muita insistência para que ela devolvesse o questionário respondido, deu-me o retorno das respostas após eu ter conseguido seu contato de WhatsApp, e isso por meio de fotos que foram tiradas do questionário e enviadas; uma outra escola que, mesmo tendo alunos e instrutores surdos, não permitiu o acesso às suas dependências, percebeu-se que o Ensino da Libras nas escolas vem contribuindo de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos.

Tais contribuições se materializam na relação de interação e comunicação com os ouvintes, como também, na vida do professor, pois o docente, ao ser desafiado em promover de fato a inclusão do aluno surdo na sala de aula regular, sente a necessidade de buscar por conhecimento na área da Libras, de adotar metodologias que alcance as especificidades linguísticas dos alunos surdos em sua sala de aula e que promovam não só o avanço educacional,

mas também, a diminuição das barreiras sociais e comunicacionais entre os surdos e ouvintes, pois quando a inclusão se dá de forma mais humanizada, o processo de construção do conhecimento ocorre mais naturalmente e significativa ao surdo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) os anos iniciais do ensino fundamental, responsáveis prioritariamente pelo processo de letramento e alfabetização, são considerados anos de grande importância na vida do aluno, pois são os anos que estão mais relacionados ao grande índice do fracasso escolar. Por isso, esse professor tem atuado na mediação do aprendizado nas duas línguas e, de forma natural, de tal maneira, que os surdos têm conseguido aprender a ler os sinais, dando subsídios para aprender a ler a palavra escrita na Língua Portuguesa e, aos ouvintes, a comunicarem-se em Libras desde cedo, fato esse de extrema importância.

Então, diante das respostas das professoras que participaram desta pesquisa, a Libras presente na sala regular tem mostrado avanços para todos os que estão envolvidos e vivenciando esta educação bilíngue em sala, ou seja, o ensino da Libras e da Língua Portuguesa de forma conjunta, pois nos casos pesquisados, os alunos surdos têm avançado no processo de ensino-aprendizagem nas duas línguas, mesmo sem terem dependência em demasia do intérprete de Libras para poderem se comunicar e interagir, embora os surdos ainda apresentem dificuldades na leitura.

Os professores entrevistados ao perceberem as limitações no conhecimento da Libras e das barreiras na interação e comunicação entre surdos e ouvintes, eles foram buscar por conhecimento específico na área da Libras a fim de promover uma verdadeira inclusão desse aluno surdo em sala de aula, de terem melhores condições pelas escolhas metodológicas em sua prática pedagógica para que possam alcançar as singularidades linguísticas na educação de surdos, contribuindo assim, na diminuição das barreiras interacionais e comunicacionais entre surdos e ouvintes.

Percebe-se, também, as pesquisadas que tinham uma equipe da sala de recursos multifuncionais capacitados na área da Libras a seu favor, elas conseguiam desenvolver na sua prática pedagógica as atividades e os conteúdos que estimulasse o visual do aluno surdo, atingindo assim a sua singularidade linguística, contudo, quando o objetivo da aula estava mais voltado para atender ao público ouvinte, baseados no método fônico, este aluno surdo perdia o interesse na aula.

No entanto, de acordo com Ronice Müller Quadros, faz-se necessário o uso de atividades de contação de histórias adaptadas em Libras, da produção e criação espontânea de histórias, do uso da Pedagogia Visual, pois quanto mais sinais o aluno surdo aprender, maior

será o seu vocabulário e assim servirá de “ponte” para que ele aprenda a ler e escrever na Língua Portuguesa.

Desta maneira, quando o professor entende a importância do ensino da Libras, mesmo no primeiro ano do ensino fundamental I, e busca por conhecimento para incluir este aluno, significa que ele entendeu o real sentido da inclusão do aluno surdo, pois são as práticas pedagógicas adotadas diante do seu aluno surdo que farão com que ele tenha, ou não, grandes avanços educacionais, como ocorre com os alunos ouvintes. Pois o professor, ao ressignificar a educação para os surdos, promoverá o envolvimento, a participação de todos, surdos e ouvintes, principalmente ao surdo, o sentimento de pertença e inserção em grupos sociais, bem como, na diminuição das barreiras de comunicação e interação entre surdos e ouvintes.

REFERÊNCIAS

ALBINO, I.; SILVA, J.; OLIVEIRA, L. **A Muitas Mãos Contribuições aos Estudos Surdos**. Natal: EDUFRRN, 2016.

ALBRES, N. **Surdos e Inclusão Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010.

AMARAL, S. **O Surgimento da Libras e sua Importância na Comunicação e Educação dos Surdos**. In: Congresso Nacional de Educação/CONEDU, 4., 2017, João Pessoa. **Anais Eletrônicos [...]** João Pessoa: Realize Editora, 2017. s/p. Disponível em: <http://encurtador.com.br/xDG45>. Acesso em: 16 out. 2018.

ARAÚJO, D.; SILVA, M.; SOUSA, W. **A influência da Libras no Processo Educacional de Estudantes Surdos em Escola Regular**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gQR49>. Acesso em: 16 out. 2018.

ARAÚJO, S. **Processos de Aquisição da Língua Portuguesa como L2 (Segunda Língua)**. João Pessoa: Editora, 2018.

BRASIL. **Decreto Federal n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 14 out. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Lei da Acessibilidade das Pessoas Portadoras de Deficiência ou com Mobilidade Reduzida. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 15 mai. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.html. Acesso em: 11 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Lei de Modalidade de Educação Bilíngue de Surdos. Disponível em: <https://www.in.gov.br/em/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEESP, 1997, p. 19-28. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.

CARVALHO, S. **Fundamentos Históricos da Surdez e do Surdo e o Ensino de Libras**. João Pessoa: Educação, 2017.

CASTRO, M; KELMAN, C. Práticas Pedagógicas Inclusivas Bilíngues de Letramento para Estudantes Surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v.28, Publicado: 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/nRqbfwkKJ5RRXmGtnCpkqPF/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

COSTA, A; SANTOS, A.; MARTINS, J. A Formação Docente: Por uma Prática Educacional Libertadora. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araquara, v. 15, n. 3, jul./set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12511>. Acesso: mar. 2022.

ECCO, I; NOGARO, A. **A Educação em Paulo Freire como Processo de Humanização**. In: EDUCERE, XII Congresso Nacional de Educação. URI/Erechim/RS. Out: 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

FERNANDES, S. **Práticas de Letramento na Educação Bilíngue para Surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 20

GOMES, E; SOUZA, F. **Pedagogia Visual na Educação de Surdos: Análise dos Recursos Visuais inseridos em um LDA**. Revista Docência e Ciberultura, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/49323>. Acesso em: 18 abril. 2022.

LIMA, M.; SANTOS, V. **AEE para Surdos: o legal e o real**. João Pessoa: UFPB; 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4060/1/MEPL2014.pdf>. Acesso em: 10 abril. 2022.

LODI, A.; MÉLO, B; FERNANDES, E. **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MACEDO, Y.; ALMEIDA, P. Semiótica Imagética e Surdez: Contribuições para o Ensino da Biologia. **Ensino em Foco**, Salvador, v. 3, n. 7, dez. 2020. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/ensinoemfoco/article/view/664/465>. Acesso em: 18 abril. 2022.

MENEZES, T. Uma proposta de Ensino para Alunos Surdos à Luz da Semiótica Social. **Revista UFG**, Goiana, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/64348/35782>. Acesso em: 20 set. 2021

MINAYO, M. *et al.* **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NUNES, S. *et al.* Surdez e Educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues?. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. v. 19, n. 3, Set./Dez. 2015. p. 537-545.

OLIVEIRA, S; DIAS, V. Formação de Pedagogos para o Contexto Inclusivo: um estudo de revisão. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v.35, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12511>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PEIXOTO, J; VIEIRA, M. **Artefatos Culturais do Povo Surdo: Discussões e Reflexões**. Sal da Terra Editora. João Pessoa: 2018.

QUADROS, R. **Alfabetização e o Sentido da Língua de Sinais**. Canoas: Textura, n.3, p. 53-61, 2000. Disponível em: <http://encurtador.com.br/ahvCJ>. Acesso em: 13 jan. 2019.

QUADROS, R. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem**. [Recurso Eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qI249>. Acesso em: 17 jan. 2019.

RAMALHO, S. **Educação Inclusiva e Legislação Educacional da Surdez**. João Pessoa, 2018.

RODRIGUERO, C. **O Desenvolvimento da Linguagem e a Educação do Surdo**. Psicologia em Estudo. Maringá, v.5, n.2, p. 99-116, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v5n2/v5n2a08.pdf>. Acesso em: out. 2018.

SALLES, H. *et al.* **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília, v. 1 e 2, 2005.

SALVADOR, J. *et al.* **Estudos e Reflexões sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Divulgação Eletrônica. v. 371, 912. ed. Paraná: Fasul, 2016.

SANTOS, I. **Libras I**. RL Consultoria Educacional. João Pessoa, 2018.

SARAIVA, L; WAGNER, A. **A relação família-escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130502/000975151.pdf>. Acesso em: mar: 2022.

SILVA, J. **A Pedagogia Visual no Ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos**. João Pessoa: Editora IFPB, 2020.

SOUSA, C; SOUSA, D; SANTOS, A. **Reflexão sobre a Interação dos alunos no Processo de Ensino e Aprendizagem**. Seminário Docentes. Ceará: Educa, 2021. Disponível em: <https://www.ced.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/82/2021/11/REFLEXAO-SOBRE-A-INTERACAO-DOS-ALUNOS-NO-PROCESSO-DE-ENSINOAPRENDIZAGEM-REMOTO.pdf>. Acesso em: 17 abril. 2019.

SCHMIEDT, M. **Ideias para Ensinar Português para Alunos Surdos**. Lagoa Editora. Gráfica Palloti. Porto Alegre/RS. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf. Acesso em: 12 out. 2018.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário de Pesquisa utilizado para a Coleta de Dados



Universidade Federal Da Paraíba

Centro De Educação

Curso De Pedagogia

Responsável: Elizenne Procópio de Souza

Este questionário será aplicado aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Tem como objetivo em ser um instrumento de reflexão sobre a importância do ensino da Libras nas escolas públicas a fim de propiciar um ambiente educativo à TODOS, sejam alunos surdos ou ouvintes, como também, minimizar as barreiras educacionais e sociais.

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1- Fale o que você entende por Libras?

2- Você tem algum conhecimento específico na área da Libras? Qual?

3- Você já passou por alguma formação em Libras? Qual?

4- Você tem ou já teve algum aluno surdo?

5- Como ocorre ou ocorreu a comunicação entre:

a) Aluno surdo com o professor

b) Aluno surdo com os alunos ouvintes

6- Como você ver o aluno surdo no contexto da sala de aula?

7-Como acontece a interação em sala de aula entre o(s) aluno(s) surdo(s) e ouvintes?

8- Qual o nível de dificuldade que o aluno surdo apresenta na aprendizagem?

9- Em relação ao processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo é ou foi adotado alguma prática pedagógica que alcança ou alcançou as especificidades educacionais do aluno surdo? Se sim, qual (is)?

() SIM

() NÃO

10-Como se dá a relação de interação entre a escola, os pais das crianças surdas com os alunos surdos?

11- Na escola há Intérprete de Libras, Instrutor/Professor surdo ou Sala de AEE, ao qual saiba Libras? Se sim, especifique.

() SIM

() NÃO

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado na pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “O ENSINO DA LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS NA ESCOLA PÚBLICA”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

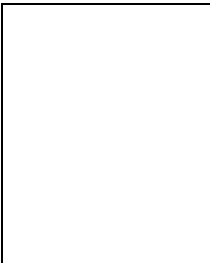
- Compreender a importância do Ensino da Libras para que aja a diminuição das barreiras de comunicação educacional e social entre surdos e ouvintes.

Ao voluntário só caberá a autorização para responder O QUESTIONÁRIO e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
 - O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
 - Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
 - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
 - Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) **987180116** com ELIZENNE PROCÓPIO DE SOUZA.
 - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
 - Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.
-

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante



Assinatura Dactiloscópica
Participante da pesquisa